ENTRE O LÚDICO E O PEDAGÓGICO: O BRINCAR COMO LINGUAGEM E DIREITO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VANESSA CRISTINA PEQUENO DA SILVA OLIVEIRA

RESUMO
O presente artigo analisa o papel do brincar na Educação Infantil, discutindo como ele se apresenta nas práticas pedagógicas contemporâneas: se como mero entretenimento ou como instrumento de aprendizagem e desenvolvimento integral. A partir de uma revisão bibliográfica fundamentada em autores clássicos e em documentos normativos, busca-se compreender de que modo o brincar se constitui como linguagem essencial da infância e como direito garantido às crianças. As reflexões aqui desenvolvidas estão ancoradas em teóricos como Kishimoto, Friedmann, Vygotsky, Piaget, Brougère e Lopes, além da BNCC (2017) e do RCNEI (1998), que destacam o brincar como eixo central das práticas educativas. O estudo revela que o brincar é mais do que diversão: é meio de expressão, descoberta e construção de conhecimento. Conclui-se que o papel do educador é mediar o brincar de forma intencional, promovendo experiências significativas que respeitem o ritmo, a cultura e as potencialidades de cada criança.
PALAVRAS-CHAVE: Brincar; Educação Infantil; Lúdico; Prática pedagógica; Desenvolvimento integral.

ABSTRACT
This article analyzes the role of play in Early Childhood Education, discussing how it appears in contemporary pedagogical practices: whether as mere entertainment or as a means of learning and integral development. Based on a bibliographic review grounded in classical theorists and official documents, it seeks to understand how play constitutes an essential language of childhood and a right guaranteed to children. The reflections presented here are based on authors such as Kishimoto, Friedmann, Vygotsky, Piaget, Brougère, and Lopes, as well as on the BNCC (2017) and RCNEI (1998), which highlight play as the central axis of educational practices. The study concludes that play is more than recreation; it is a way of expression, discovery, and knowledge construction. The educator's role is to mediate play intentionally, promoting meaningful experiences that respect each child's rhythm, culture, and potential.
KEY-WORDS: Play; Early Childhood Education; Playfulness; Pedagogical practice; Child development.

1. INTRODUÇÃO

O brincar é uma das experiências mais ricas e autênticas da infância. É através dele que a criança explora o mundo, constrói significados, estabelece relações e desenvolve competências que a acompanharão por toda a vida. A brincadeira representa, ao mesmo tempo, prazer e aprendizado; espontaneidade e intencionalidade; imaginação e realidade.

No entanto, em muitas instituições de ensino, o brincar ainda é reduzido a momentos de recreação ou visto como pausa entre as atividades "sérias". Essa compreensão limita seu potencial educativo e desconsidera sua função no desenvolvimento integral da criança.

As transformações na educação brasileira, especialmente após a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), reforçaram o brincar como eixo estruturante da Educação Infantil, ao lado das interações. A criança é reconhecida como sujeito histórico, ativo e produtor de cultura. Nesse contexto, o brincar deixa de ser apenas passatempo e torna-se linguagem, meio de comunicação e forma de aprendizagem.

Assim, este artigo busca refletir sobre o papel do brincar na Educação Infantil, analisando sua função pedagógica e sua importância para o desenvolvimento integral. O objetivo é compreender como o brincar pode ser incorporado ao planejamento docente de forma consciente e significativa, contribuindo para uma educação que respeite a infância como tempo de viver e aprender.

2. O SIGNIFICADO DO BRINCAR NA INFÂNCIA

Brincar é a forma pela qual a criança se relaciona com o mundo e consigo mesma. Ao brincar, ela experimenta papéis, cria narrativas, organiza o pensamento e se apropria da realidade que a cerca. Trata-se de uma

linguagem simbólica que permite elaborar emoções, resolver conflitos e desenvolver a imaginação.
Enquanto Piaget considera o brincar como "um processo de assimilação e acomodação, em que a criança interpreta o mundo segundo suas estruturas cognitivas", Vygotsky "entende o brincar como "um espaço de desenvolvimento social e cultural, no qual a criança internaliza regras e amplia sua capacidade de pensamento". Para Kishimoto (1997), "o brincar é um recurso pedagógico que potencializa aprendizagens significativas, pois envolve emoção, movimento e cooperação". Se levarmos em conta cada uma das considerações citadas, podemos concluir que, por meio das brincadeiras, a criança desenvolve a atenção, a memória, o raciocínio lógico e a empatia — elementos essenciais para a construção da autonomia, da convivência e da formação de um sujeito capaz de ser protagonista da sua própria história.

3. O LÚDICO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

O termo "lúdico" deriva do latim ludus, que significa jogo. Na educação, o lúdico representa o espaço de liberdade, imaginação e criação que caracteriza a infância, importante para poedrmos reconhecer a criança como sujeito ativo de sua aprendizagem.
Friedmann (1996), destaca que "o brincar é uma forma privilegiada de aprendizagem, pois desperta o interesse e o envolvimento emocional da criança. Quando brinca, ela se envolve integralmente — corpo, mente e emoção atuam de forma integrada".
A cada passo, a cada leitura, vai se tornando impossível dissociar as práticas lúdicas do processo de aprendizagem. E, eis aí, o principal papel do professor que, ao planejar suas aulas, crie experimentações onde, ao brincar, a criança elabore hipóteses, experimente possibilidades, aprenda regras e construa conhecimentos de maneira prazerosa.
Dessa forma, o lúdico se transforma em ponte entre a curiosidade natural e a aquisição do saber, provocando experiências significativa, conectadas à vida cotidiana.

4. O PAPEL DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO DO BRINCAR

O professor tem papel essencial nessa mediação. É ele quem cria condições para que a brincadeira aconteça, garantindo espaços, tempos e materiais adequados. Ele observa, escuta e intervém de maneira sutil, ampliando as experiências infantis, fazendo a mediação entre sensibilidade e intencionalidade. Através dessa observação identifica interesses, habilidades e necessidades de cada criança, respeitando ritmos de aprendizagens reais.
A formação docente deve, portanto, valorizar o estudo do lúdico como campo de pesquisa e prática. É preciso superar a visão utilitarista da brincadeira e compreender que o brincar é o próprio caminho da aprendizagem infantil — não um recurso adicional, mas o centro da ação educativa.

5. O BRINCAR COMO DIREITO E EXPRESSÃO CULTURAL

O brincar é reconhecido como direito da criança pela Constituição Federal, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) e pela BNCC (2017). Isso desmistifica o conceito que o brincar é apenas uma forma de passar o temo e sim, é uma condição indispensável para o desenvolvimento saudável.
Além de direito, o brincar é também manifestação cultural. Cada brincadeira carrega traços da identidade de um povo, expressando modos de vida, valores e tradições. Brougère ressalta que "o brincar é um fenômeno social que se renova a cada geração, revelando a forma como as crianças interpretam o mundo".
Ao valorizar brincadeiras tradicionais e contemporâneas, a escola cumpre sua função de preservar a cultura da infância e promover o convívio entre diferentes saberes. Nesse processo, ambientes físicos, virtuais e sociais promovem o desenvolvimento integral do aluno através de estímulos à criatividade, colaboração e engajamento, utilizando tudo que possa gerar um aprendizado significativo e prazeroso.

6. O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

O brincar estimula todas as dimensões do desenvolvimento humano. Do ponto de vista físico, promove a coordenação motora e o domínio corporal. No campo cognitivo, amplia a atenção, o raciocínio e a criatividade. No aspecto emocional, favorece a expressão

de sentimentos e a construção da autoestima.
Lopes (2006) ressalta que, ao brincar, a criança exercita a autonomia e aprende a lidar com frustrações, desenvolvendo resiliência. Kishimoto complementa que o jogo pedagógico estimula a cooperação e a empatia, fundamentais para a convivência em grupo.
Portanto, o brincar não é acessório: é base da aprendizagem e condição para a formação integral. Quando a escola reconhece e planeja o brincar de forma intencional, ela cria um ambiente de aprendizagens mais humanas e significativas.

7. PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE O BRINCAR NA BNCC (2025)

Com as atualizações pedagógicas e tecnológicas do cenário educacional contemporâneo, o brincar assume novos contornos. A BNCC (2025) reafirma o compromisso com a infância como tempo de experimentação, convivência e descoberta, enfatizando o papel do brincar como eixo estruturante das aprendizagens.
Nesse contexto, o educador é chamado a integrar diferentes linguagens — corporal, verbal, digital e artística — em propostas que valorizem o brincar em múltiplas formas. As experiências com jogos, dramatizações, música, contação de histórias e tecnologia educativa tornam-se meios de desenvolver competências gerais, como empatia, cooperação e pensamento crítico.
A BNCC também propõe que o brincar esteja presente não apenas nas atividades planejadas, mas em todos os momentos do cotidiano escolar. Isso reforça a ideia de que a infância deve ser vivida em plenitude, e não acelerada por expectativas escolares precoces.

8. DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A PRÁTICA DOCENTE

Mesmo diante do reconhecimento legal e pedagógico do brincar como direito e linguagem da infância, muitos desafios ainda se impõem à sua efetivação no cotidiano escolar. O principal deles está na compreensão limitada de que o brincar é uma atividade "menor", destinada a preencher o tempo ou distrair as crianças. Essa visão, ainda presente em parte das práticas educativas, reduz o potencial do brincar como experiência de aprendizagem e desenvolvimento integral.
A escola contemporânea precisa assumir o brincar como eixo estruturante das práticas pedagógicas, e para isso é essencial que o professor esteja preparado para reconhecer, planejar e mediar experiências lúdicas significativas. Nesse processo, surgem desafios que envolvem formação, estrutura, gestão e cultura escolar — aspectos que precisam ser discutidos de forma integrada.

8.1. A formação inicial e continuada do educador

A formação docente é o ponto de partida para a transformação das práticas pedagógicas. Muitos professores chegam à sala de aula com uma compreensão restrita do brincar, sem formação teórica ou vivência prática que os ajude a incorporá-lo como ferramenta pedagógica.
Como destaca Kishimoto, "o professor precisa compreender que o brincar é uma forma de conhecimento e, portanto, requer intencionalidade e planejamento. Não se trata de brincar por brincar", mas de criar situações em que a criança aprenda de maneira significativa, mantendo o prazer e a espontaneidade".
Nos cursos de Pedagogia e nas formações continuadas, o tema do brincar deve ser abordado não apenas como conteúdo, mas como experiência formativa. É importante que o professor também viva momentos de ludicidade, para compreender a potência desse recurso de dentro para fora. Quando o professor se reconhece como sujeito lúdico, sua prática torna-se mais sensível, criativa e empática.

8.2. As condições estruturais e organizacionais das instituições

Outro desafio relevante diz respeito às condições de funcionamento das instituições de Educação Infantil. Muitas escolas ainda enfrentam limitações de espaço físico, falta de materiais adequados e rotinas engessadas que reduzem o tempo livre para o brincar.
É comum que a rotina escolar seja marcada por atividades dirigidas, avaliações e cumprimento de metas, o que pode restringir as oportunidades de exploração, imaginação e movimento. No entanto, a BNCC (2017) en-

fatiza que o brincar deve atravessar todas as práticas pedagógicas e não ser tratado como momento isolado.

Para que o brincar seja efetivo, é necessário que as instituições criem ambientes ricos e desafiadores, com materiais variados e acessíveis, tempo suficiente para a brincadeira espontânea e um clima de acolhimento e liberdade. O espaço físico precisa convidar à experimentação: pátios, brinquedotecas, áreas verdes e cantos temáticos são recursos que favorecem o protagonismo infantil.

Além disso, a organização do tempo pedagógico precisa ser repensada. A criança pequena aprende no movimento, no contato e na experimentação; portanto, quanto mais o tempo escolar respeitar esses ritmos, mais significativo será o processo de aprendizagem.

8.3. O papel da gestão escolar e da comunidade

A valorização do brincar na escola não depende apenas do professor, mas de um compromisso coletivo que envolva a gestão, a equipe pedagógica e as famílias. A gestão escolar precisa reconhecer o brincar como parte essencial do projeto pedagógico e garantir condições para sua realização.

Isso inclui investir em formação continuada, promover trocas de experiências entre professores e incentivar práticas inovadoras. A gestão também tem papel estratégico na sensibilização das famílias, muitas vezes acostumadas a associar aprendizado apenas a atividades formais e escritas.

É fundamental que a comunidade escolar compreenda que, ao brincar, a criança aprende a pensar, comunicar-se, criar e conviver. A parceria entre escola e família deve fortalecer essa visão, valorizando as manifestações lúdicas dentro e fora da instituição.

Conforme lembra Friedmann, “a ludicidade é um modo de viver a infância, e cabe ao adulto criar espaços que preservem essa experiência. Quando escola e comunidade caminham juntas, o brincar se torna parte da cultura escolar e da vida cotidiana”.

8.4. Caminhos para uma prática transformadora

Apesar dos desafios, há inúmeras possibilidades para construir uma prática docente mais criativa e humanizada. Planejar atividades que unam a liberdade da criança à intencionalidade pedagógica do educador, sem dúvida, deve ser o primeiro passo.

Alguns caminhos incluem:

Utilizar o brincar como ferramenta de observação e avaliação formativa, identificando avanços e desafios no desenvolvimento;

Estimular a escuta ativa e o protagonismo infantil, permitindo que as próprias crianças escolham, criem e conduzam suas brincadeiras;

Promover momentos de reflexão coletiva entre professores, trocando experiências e repensando práticas.

Essas ações tornam o processo educativo mais dinâmico e afetivo. A ludicidade aproxima o professor das crianças e transforma a escola em um espaço de descobertas, emoções e aprendizagens.

Em uma perspectiva inspirada em Vygotsky, “o brincar é a zona onde a criança se desenvolve além do que conseguiria sozinha — é o território da imaginação, da criação e do encontro com o outro”. Portanto, quando o professor media com intencionalidade, o brincar deixa de ser um simples passatempo e se torna uma potente prática pedagógica e formativa.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brincar, mais do que uma atividade espontânea, é uma prática social, cultural e pedagógica que dá sentido à infância e à aprendizagem. Ao longo deste estudo, foi possível compreender que ele ultrapassa o campo do entretenimento e se consolida como uma linguagem essencial para o desenvolvimento integral da criança. Brincar é experimentar, imaginar, criar, interagir e construir saberes que não se restringem aos conteúdos escolares, mas que formam o ser humano em sua totalidade.

Os fundamentos apresentados por autores como Vygotsky, Piaget, Kishimoto, Friedmann e Brougère reforçam que o brincar é uma via privilegiada de aprendizagem. É nesse espaço simbólico que a criança internaliza valores, amplia suas capacidades cognitivas, desenvolve autonomia e exercita a convivência social. Assim, o ato de brincar

precisa ser reconhecido como elemento pedagógico central na Educação Infantil, e não como mera distração.

Com base nas reflexões desenvolvidas nos subtópicos do item 8, percebe-se que o desafio não está apenas em reconhecer a importância do brincar, mas em transformar essa consciência em prática cotidiana. Isso exige do professor um olhar sensível, capaz de compreender o brincar como meio de expressão e aprendizagem. A formação inicial e continuada, portanto, tem papel fundamental nesse processo: é por meio dela que o educador se torna pesquisador de sua própria prática e desenvolve as competências necessárias para mediar experiências lúdicas significativas.

Outro ponto essencial é o contexto institucional. As condições físicas e organizacionais das escolas influenciam diretamente na qualidade dos espaços de brincar. Espaços reduzidos, falta de materiais e horários rígidos podem limitar a criatividade e o protagonismo infantil. Assim, cabe à gestão escolar garantir ambientes estimulantes e flexíveis, que valorizem o tempo da infância e ofereçam liberdade para a exploração e a imaginação.

Além disso, o envolvimento da comunidade e das famílias é indispensável. O brincar precisa ser reconhecido socialmente como parte da aprendizagem e do desenvolvimento humano. Quando as famílias entendem o valor pedagógico das brincadeiras, fortalecem o trabalho da escola e ampliam o campo das experiências infantis também fora dela.

As possibilidades de transformação passam pelo reconhecimento de que a ludicidade é uma atitude pedagógica e uma forma de humanizar o ensino. Ao planejar atividades que unem prazer e intencionalidade, o educador constrói um ambiente em que aprender e brincar se tornam dimensões indissociáveis. Em uma perspectiva atual, inspirada na BNCC (2025), o brincar assume novos sentidos: torna-se ponte entre diferentes linguagens, entre o real e o imaginário, entre o individual e o coletivo. Ao mediar essas experiências, o professor estimula a criatividade, o pensamento crítico e o respeito à diversidade.

Portanto, a ampliação do olhar sobre o brincar implica rever práticas, tempos e espaços escolares. Mais do que cumprir um currículo, é preciso criar oportunidades para que as crianças vivam experiências significativas e formadoras. Quando a escola se abre ao brincar, ela também se abre à escuta, à curiosidade e à sensibilidade.

Conclui-se que o grande desafio da Educação Infantil contemporânea é equilibrar a intencionalidade pedagógica com a liberdade criadora da infância. E o caminho para isso passa pela formação reflexiva do educador, pela gestão comprometida e por uma comunidade que valorize a ludicidade como essência da aprendizagem.

Educar brincando é educar com sentido — é ensinar com leveza, emoção e humanidade. É permitir que a criança aprenda não apenas com o que faz, mas com o que sente e imagina. O brincar, quando compreendido como direito, linguagem e prática pedagógica, torna-se o maior instrumento de transformação da educação e da vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. Jogo e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar: crescer e aprender – O resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 1997.

LOPES, Vanessa Gomes. Linguagem do corpo e movimento. Curitiba: FAEL, 2006.

MORAL, Elaine; VILHENA, Sylvia Paula; PINEDA, Thatiana (orgs.). Educação Infantil na formação do pedagogo. São Paulo: Paco Editorial, 2013.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.